

PRATELEIRA SEXUAL: CULTURA HETEROCENTRADA EM UM APLICATIVO DE PEGAÇÃO GAY

GABRIEL VENZKE RUTZ¹; HUDSON W. DE CARVALHO²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielrvutz@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – hdsncarvalho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O cotidiano de homens gays cisgênero, em grande parte, se assemelha ao de outras pessoas em diversos aspectos da vida social, como rotinas de trabalho, estudo, lazer e vínculos afetivos. Apesar de enfrentarem desafios específicos relacionados à orientação sexual, especialmente em contextos marcados por preconceito e discriminação, suas experiências diárias não se resumem a essa dimensão, sendo múltiplas e, muitas vezes, rotineiras como as de qualquer outro sujeito social.

Na sociedade contemporânea o uso de aplicativos que têm como propósito conectar pessoas com interesses parecidos tem se tornado muito comum. Um exemplo destes aplicativos é o Tinder (2025), plataforma que promete facilitar a conexão de pessoas, independente de suas expectativas ao ingressar no software. Homens gays cisgênero utilizam dessa plataforma digital de encontros, porém, há outra opção muito comum dentro desse grupo social, o Grindr (2025), que se propõe a ser “The global gayborhood in your pocket”, ou em tradução livre, “o bairro gay global no seu bolso”.

É muito comum perfis sem fotos, sem fotos de rosto ou com nomes fictícios, mas com descrições muito bem preenchidas, sem que se ofereça a possibilidade de identificação prévia de quem é o dono do perfil, mas completo se tratando sobre papéis sexuais, fetiches, expectativas ou proibições de perfil de pessoas com quem aquela pessoa não quer se relacionar. Muitas das descrições nesse aplicativo são feitas por meio de emojis que possuem significados bem-marcados dentro do seu âmbito, uma forma de descrição que utiliza de outros recursos além da descrição verbal de si.

O app oferece também a opção de criar filtros para aparecer perfis que se encaixem nos padrões definidos pelo usuário, ou seja, pode-se escolher posições sexuais, tribos – o Grindr (2025) nos oferece uma explicação do que seriam as tribos no contexto do app, e é descrito da seguinte forma: “Tribos são subcomunidades de pessoas que se identificam principalmente por meio da sua apresentação”. Ou seja, aqui diz respeito tanto a identificação do indivíduo, mas também sobre suas características físicas –, distância ou práticas sexuais que se interesse. Todas essas possibilidades classificatórias e filtragens oferecem a ideia de uma vitrine, onde corpos são expostos e escolhidos a partir de suas vontades, dispostos – pervertendo a “prateleira do amor” descrita por Valeska Zanello (2022) – em uma prateleira do sexo. Essa metáfora demonstra um processo de valoração das pessoas, mais especificamente de suas características físicas, a partir de fotos e descrições, e de aspectos que são prometidos para o ato sexual. Esse sistema de valoração se assemelha bastante a uma prateleira de supermercado, onde os produtos – nesse caso, imagens parciais de corpos e descrições – são expostos e tem suas características positivas anunciadas com intenção de agradar e, com sorte, ser escolhido pelo outro. Há, em nossa sociedade, a busca por um ideal

estético que está centrada no homem, músculo, dentre tantas outras características que moldam o ideal estético, que é algo que, como explicita Zanello (2022), ocupa um papel muito importante nos processos de socialização no contemporâneo, assim a busca por se enquadrar nesse ideal é muito grande, uma vez que quanto mais distante dessa idealização, menores se tornam as chances de “ser escolhido” pelo outro.

Essas dinâmicas classificatórias que se apresentam no Grindr não operam de forma isolada, sequer são um produto do aplicativo, mas refletem e reproduzem estruturas sociais mais amplas, que organizam os modos de existir, desejar e se relacionar. Dessa forma, o presente trabalho busca iniciar a compreensão de como o Grindr, enquanto aplicativo de relacionamento direcionado a homens gays, bissexuais, pansexuais e queer contribui para a manutenção ou subversão das normas de gênero e sexualidade, analisando suas dinâmicas classificatórias e as estruturas sociais que elas refletem.

2. METODOLOGIA

Como forma de iniciar a pesquisa, procuramos referenciais teóricos que auxiliem no mapeamento de conceitos que possam ser importantes para a inteligibilidade desse trabalho. Dentre os termos encontrados, muitos deles oferecem óticas e formas de apresentar dinâmicas sociais bastante semelhantes, porém nomenclaturas diversas, logo, se faz importante elencá-los nos resultados.

Após essa busca inicial por referenciais teóricos que ajudem a embasar o olhar pelo qual se analisará o aplicativo, será realizada uma análise semiótica de perfis de usuários do aplicativo Grindr, isto é, uma análise que englobe diferentes formas de autodescrição autoapresentação, sejam elas verbais ou não verbais, como as descrições inseridas pelos próprios usuários, de forma a obter uma análise da forma como estes usuários se entendem e se autodescrevem e quais características costumam ser procuradas nos parceiros que esses usuários buscam ao utilizar o app e as imagens que foram utilizadas para utilização do serviço. Assim, a análise semiótica busca identificar os signos e os seus significados dentro desse contexto do Grindr em Pelotas. Após análise dos perfis que aparecem na aba principal do aplicativo serão separados cerca de três usuários com os quais será desenvolvida uma entrevista aberta que buscará entender suas percepções sobre o ambiente do aplicativo e como eles percebem as interações com outros homens com quem conversam ou interagem de alguma forma pelo app.

Com essas análises obtidas, será construído, a partir do referencial teórico, uma articulação desses dados que surgiram com a teoria que alicerça o pensamento desse projeto. Para isso será utilizado também as imagens de controle, teoria que busca explicar como certas imagens sobre um determinado grupo social exerce uma força controladora por sobre o horizonte de possibilidades que se apresenta para esse grupo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diversos autores buscaram explicar a heterossexualidade como uma dinâmica estruturante da sociedade. Herek (2010) usa o termo heterossexismo, já Wittig (2022) se refere à essas dinâmicas como heterocentrimento ou pensamento hetero. Rich (1980) cunha o termo heterossexualidade compulsória e Butler (2008) dá seguimento ao seu conceito, aprofundando ainda mais esse estudo. Expõe o caráter normativo e impositivo da heterossexualidade. Em nossa sociedade, ela se

apresenta como uma orientação sexual considerada “natural” e “universal”, ou seja, como algo inerente a todas as pessoas. Ainda segundo Butler (2008), a heterossexualidade compulsória não apenas regula o desejo, mas também a própria constituição das identidades de gênero, de forma que “homem” e “mulher” só se tornam inteligíveis dentro dessa matriz. Gênero e desejo, portanto, não são expressões naturais ou espontâneas, mas construções sustentadas por repetições culturais que produzem a aparéncia de coerência entre sexo, gênero e orientação, isto é: uma coerência performativa. Essa coerência é garantida por um sistema que exclui/pune o que escapa da norma, tornando certas existências ilegítimas ou incompreensíveis.

Wittig (2022) acrescenta à discussão, expondo o contrato heterosexual ou contrato social heterocentrado (Preciado, 2022): um contrato que, como as autorias defendem, estabelece um padrão “normal” de relacionamento que consiste em uma relação entre homem e mulher, e estabelece também o lugar inferiorizado da mulher, a sua sujeição ao homem – e o consentimento para com esse contrato implica em não só a manutenção de uma forma de vivenciar a vida a partir da heterossexualidade, mas também a manutenção de um regime que busca o controle dos corpos, levá-los para a lógica reprodutiva, para a subjugação do feminino, um regime universalizante que exclui qualquer forma de vida que foge do perfil – bastante estrito – que é utilizado como normativo tanto para o individual como para as relações estabelecidas entre esses individuais.

Dessa forma o contrato social heterocentrado define, também, a dicotomia entre macho/fêmea, masculino/feminino, homem/mulher, com pênis/sem pênis. E a partir dessas diferenciações são estabelecidas posições hierárquicas que levam em conta o gênero e a presença ou ausência de um pênis, corpos femininos ou que não possuam um pênis são relegados à inferioridade em contraponto ao corpo masculino ou um corpo que carregue consigo o simbólico social de poder – o pênis. Além disso, o fato de um homem se relacionar com outro homem não resulta no rompimento com o contrato, afinal vivenciar a relação ou o mundo a partir do padrão heterosexual também consiste em consentir com o contrato, pois apenas é feita a adequação para se encaixar ao modelo heterosexual. Assim, mesmo homens em relações homossexuais podem reproduzir e perpetuar um padrão heterocentrado de relação.

4. CONCLUSÕES

Análises iniciais teoricamente orientadas nos conduz ao entendimento que a cultura heterocentrada interfere de modo significativo nas relações homoafetivas de homens cisgêneros, de tal forma que o caráter hierarquizante de gênero (masculino versus feminino) se reproduz da seguinte maneira: homens ativo são lidos como masculinos e parecem ser mais desejado, ao passo que perfis de homens que se definem como passivos são lidos como mais femininos e, desse modo, perdem valor na prateleira sexual do Grindr.

O Grindr, apesar de ser um aplicativo destinado para pessoas que dissidem das experiências de relações de gênero e sexualidade normativas, parece operar a partir de lógicas muito semelhantes à normatividade e seus dispositivos. A “prateleira” em que se expõe os corpos em busca do olhar, da aceitação e do interesse do outro, também parece ser marcada pelo heterossexismo, em que se supõe que homem que se denomina como ativo, o homem que não se permite ser penetrado, másculo, viril e detentor das características socialmente vinculadas ao masculino, além de características fenotípicas consideradas mais atraentes por

nossa sociedade, ou seja, um homem forte, de pele bronzeada, cabelo liso, olhos claros, traços físicos marcantes, esse perfil parece ter uma maior facilidade de ser escolhido, afinal, seus corpos são tidos como socialmente desejáveis. Por outro lado, quanto mais um homem se afastaria desse padrão, mais distante ele está de ser escolhido, o que semelhantemente às mulheres, seria um fracasso em suas vidas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da Identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 18^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.
- GRINDR. **About Grindr**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.grindr.com/about>. Acesso em: 12 jul. 2025.
- GRINDR. **Glossário das tags**, [s.d.]. Disponível em: <https://help.grindr.com/hc/pt/articles/4483168490131-Glossário-das-Tags> Acesso em: 27 jul. 2025.
- HEREK, Gregory M. Sexual Orientation Differences as Deficits: Science and Stigma in the History of American Psychology. **Perspectives on Psychological Science**, v. 5, n. 6, p. 693–699, 2010. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41613587>. Acesso em: 18 jul. 2025.
- PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassetual: práticas subversivas de identidade sexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. **Journal of Women's History**, v. 15, n. 3, p. 11– 48, 1980.
- TINDER. **Saiba mais**, [s.d.]. Disponível em: <https://tinder.com/pt/about/> Acesso em: 12 jul. 2025.
- WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Tradução de Maíra Mendes Galvão. 1^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- ZANELLO, Valeska. **Prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações**. 1^a ed. Curitiba: Appris, 2022.